
DO NÓ AO LAÇO: UM ESTUDO SOBRE O AMOR NA PSICANÁLISE

FROM THE KNOT TO THE TIE: A STUDY ON LOVE IN PSYCHOANALYSIS

Josiane Santos Costa*
Marco Correa Leite**

O amante, incompleto e errante, é assim um peregrino que busca o improvável encontro consigo mesmo sem ter a menor ideia do que procura de si no outro. A falta promove um desencontro produtivo que alguns chamam de amor (Daniel Omar Perez).

RESUMO

O tema do amor não é propriamente um conceito psicanalítico, mas desde as investigações de Freud até Lacan parece ter sido uma questão primordial em torno da subjetividade humana. Entendemos ser relevante o estudo do assunto pois que é a partir do amor que o sujeito se constitui, é por conta do amor que o sujeito adocece e é pelo amor que o sujeito se cura. Neste sentido, pretendemos investigar com este artigo a seguinte questão: o que é o amor na psicanálise? Para a realização deste trabalho adotou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica de referencial psicanalítico. Discorremos sobre os conceitos de alienação e separação, narcisismo, pulsão e sobre o percurso de uma análise com o propósito de apresentá-los e articulá-los no que tocam o amor na psicanálise. Pudemos concluir que o amor na psicanálise é aquilo que enlaça o sujeito com o outro semelhante desde a sua constituição até o desenrolar de toda sua saga enquanto um vivo; que se em demasia idealizado escraviza e adocece, a passagem do amor ideal ao amor possível desamarra o sujeito do nó do sintoma e o devolve a liberdade de criar laços.

138

Palavras-chave: Amor. Freud. Lacan. Narcisismo. Psicanálise.

ABSTRACT

The theme of love is not really a psychoanalytic concept, but since discovery Freud's to Lacan it seems to have been a primordial question about human subjectivity. We understand this study about love as relevant because subject is constituted through

* Analista Membro e Sócia Fundadora do Instituto Lalangue – Clínica e Transmissão em Psicanálise, Psicóloga, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica. E-mail: josianesantos.psicologa@gmail.com

** Docente do programa de pós-graduação em Psicoterapia Psicanalítica. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Analista no Instituto Lalangue Londrina. mclmarco@hotmail.com

it, falls ill because of it and also heals by it. In this sense, we intend to investigate with this article the following question: what is love in psychoanalysis? For the accomplishment of this work the methodology of bibliographical research of psychoanalytical reference was adopted. We discuss the concepts of alienation and separation, narcissism, drive and the course of an analysis with the purpose of presenting and articulating them in what touches love in psychoanalysis. We can conclude that love in psychoanalysis is what binds the subject to the like, from its constitution to the unfolding of its entire saga as a living being; which if too idealized enslaves and falls ill, the passage from ideal love to possible love unties the subject of the symptom knot and returns the freedom to create bonds.

Keywords: Love. Freud. Lacan. Narcissism. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O tema do amor não é propriamente um conceito psicanalítico, mas desde as investigações de Freud até Lacan parece ter sido uma questão primordial em torno da subjetividade humana. Para Freud (1914/2010, p. 29), “[...] é preciso começar a amar, para não adoecer [...]”. Lacan (1964/2006, p. 255) afirma “eu te amo, mas porque, inexplicavelmente, amo em ti mais do que tu [...]”. Sentenças curtas, contudo, que revelam uma grandiosidade do que podemos pensar acerca do amor e do humano.

Freud inicialmente pretendia explicar a biologia da psiquê, mas percebe que não é dessa via que se trata e por fim descobre a particularidade do funcionamento psíquico, que é da ordem do princípio do prazer, da sexualidade humana, dos laços de amor.

Neste sentido, pretendemos investigar o tema com este artigo partindo da questão: o que é o amor na psicanálise? Entendemos ser relevante o estudo do assunto pois que é a partir do amor que o sujeito se constitui, é por conta do amor que o sujeito adocece e é pelo amor que o sujeito se cura: “nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor”, afirma Freud (1930/2010, p. 39) e “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” diz Lacan (1972-1973/2008, p. 89). Sendo assim, estabelecemos como objetivos deste trabalho, apresentar e articular alguns

conceitos psicanalíticos no que tocam o amor, tais como alienação e separação, narcisismo, pulsão, chegando ao percurso de uma análise, com o fim de construir uma referência inicial acerca do amor na psicanálise, para que, se assim o desejar, o leitor possa se aprofundar naquilo que do mais lhe tocar nas questões do amor.

O AMOR E A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

O que é o amor? No começo era o verbo...

Desde antes do seu nascimento o sujeito é tomado pelo desejo do outro, os pais falam seu bebê, anunciam o nome que escolheram, anseiam a cor dos olhos, o comprimento das mãozinhas, a profissão que seguirá futuramente, as preferências culturais e mais um tanto de predicados que, desejam, seu bebê realize. Resolvemos aqui fazer uma pausa, só para checar a definição do termo “predicado” na língua portuguesa e eis o que encontramos: “predicado é tudo o que se declara acerca do sujeito, ou seja, é tudo que há na frase que não é o sujeito” (VILARINHO, 2018).

140

De fato, a partir da perspectiva psicanalítica, o sujeito é suposto pelo outro, antes mesmo de o ser e ainda depois, quando do percurso de sua constituição subjetiva. Conforme nos diz Lacan (1964/2008, p. 200), “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”.

Neste sentido que podemos pensar a famosa e intrigante fala lacaniana de que “[...] um significante é o que representa um sujeito para outro significante” (LACAN, 1964/2008, p. 203). O sujeito se constitui pelos significantes do campo do Outro, do qual quem faz semblante é outro significante, um outro qualquer, qualquer outra coisa. Assim, o sujeito só o é a partir de um significante na relação com o outro significante.

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito (LACAN, 1964/2008, p. 203).

Não sendo possível fazer-se sujeito por outra via, senão na relação com o outro, a constituição subjetiva se inicia pelo estado de alienação ao Outro, não há

distinção entre o eu e o não-eu. O bebê, ancorado pelos cuidados e todo investimento libidinal de sua mãe, não reconhece a fronteira entre ele e os objetos que se lhe apresentam e que, por ora, lhe promovem a satisfação de tensões desprazerosas – como a fome, sono, cólicas – mas os tem como sua parte, território do seu eu.

Neste encontro com o outro em que o indivíduo tem suas necessidades satisfeitas, suas tensões aliviadas, concordamos que algo a mais resulta dessa operação, como nos descreve Nascimento (2010, p. 01):

A criança vai registrar dessa experiência fundamental tanto os traços mnêmicos do objeto quanto as palavras pronunciadas na ocasião. Essa intervenção do Outro implicará desde então a inserção da criança na ordem simbólica, ordem de troca de significantes.

O bebê, portanto, é atravessado pelo Outro da linguagem, do qual a mãe é a primeira a fazer semblante, o que vai dando contorno ao seu corpo, nome às suas demandas.

Ora, pela via do seu narcisismo – para que seja reconhecido pelo Outro falante – o bebê encarna o desejo da mãe. O sujeito, tomado por completo investimento libidinal, por significantes apresentados pelo campo do Outro, ocupa o lugar de objeto de desejo ideal de sua mãe, reina *His Majesty the Baby*¹.

O sujeito está, portanto, alienado ao desejo do Outro. Alienado porque o sujeito é efeito do discurso do Outro, porque para constituir-se sujeita-se a alienar o seu desejo no desejo do Outro (NASCIMENTO, 2010).

O próprio termo sujeito, em psicanálise, deve-se ao fato de ser pensado enquanto alguém sujeitado a algo. O sujeito, somente o é, em uma relação dialética com o objeto, o qual lhe assujeita. Importante consideração esta que nos faz pensar a radicalidade do conceito de sujeito articulado com o objeto que o causa.

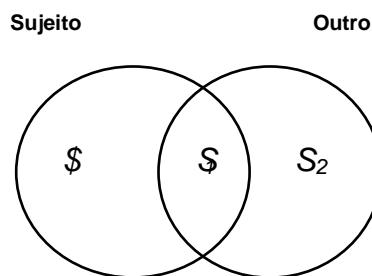
Lacan (1964/2008) nos apresenta a alienação a partir de uma perspectiva matemática, do conceito de reunião na teoria dos conjuntos; pois bem, é preciso um significante para representá-la para outro significante, aponta Lacan aos ouvintes do seu seminário. Ele esclarece muito bem que não se trata de uma adição, de uma duplicação, mas daquilo que pertence aos dois conjuntos:

¹ Sua Majestade, o Bebê – expressão citada no texto de Freud: “Introdução ao narcisismo”, de 1914.

O *vel* da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um *nem um, nem outro*. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso (LACAN, 1964/2008, p. 206).

O esquema é assim representado:

Figura 1 – A alienação



Nascimento (2010) ajuda-nos a compreender: como numa operação retroativa, o sujeito só pode ser representado pelos significantes do campo do Outro porque está articulado ao Outro, dito de outro modo, o sujeito é o que é: produto da linguagem do Outro, não tem outra possibilidade de sê-lo senão, alienado ao Outro.

Aqui consideramos importante acrescentar que, conforme Lacan nos esclarece, esse Outro (lê-se “grande outro”) não se trata de uma pessoa, mas se equipara a um lugar no discurso, a uma instância imaginária para a qual o sujeito se dirige na linguagem.

Lacan justifica sua posição, destacando que esse *ou* da escolha alienante existe: “*A bolsa ou a vida!* Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada” (1964/2008, p. 207). Concordamos aqui que este *ou* não só existe, mas também “exige” ao sujeito, para fins de sua constituição.

A queda da “majestade o bebê” começa a se apresentar, uma vez que a mãe não mais atende a criança como a princípio quando, quase que exclusivamente, se dispunha a ela, dirigia toda sua libido a investi-la. Outros objetos parecem interessar a mãe tanto quanto ou até mais que o seu bebê. O Eu que tenta

se constituir enquanto puro prazer rompe-se permitindo ser tocado pela realidade de sua castração. É então que pode ser reconhecida uma separação entre eu e não-eu. É pela presentificação da ausência de um objeto de satisfação, pela via da operação de separação, portanto, que a criança pode tornar-se sujeito desejante (NASCIMENTO, 2010).

O sujeito desejante, deste modo, tem notícias de que o Outro é faltante. A partir dos encontros com a castração do Outro, o sujeito é tomado também pelas evidências da sua própria falta, pois mesmo encarnado como objeto de desejo do Outro, resta a este sempre algo de insatisfeito e que parece buscar em outros objetos.

Lacan (1964/2008) apresenta esta segunda operação da constituição subjetiva, a separação, seguindo a referência da teoria dos conjuntos; para tal, toma agora o conceito de interseção e assim a descreve:

A interseção de dois conjuntos é constituída pelos elementos que pertencem aos dois conjuntos. É aqui que vai se produzir a operação segunda, em que o sujeito é conduzido por essa dialética. [...] ela surge do recobrimento de duas faltas. Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. [...] Nesse intervalo cortando os significantes, que faz parte da estrutura mesma do significante, está a morada do que, em outros registros do meu desenvolvimento, chamei metonímia. É de lá que se inclina, é lá que desliza, é lá que foge como o furão, o que chamamos desejo. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os *por-quês?* da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma colocação em prova do adulto, um *por que será que você me diz isso?* sempre re-suscitado de seu fundo, que é o enigma do desejo do adulto (LACAN, 1964/2008, p. 209).

143

Lacan indica que neste corte entre os significantes, ali onde há uma interseção entre o sujeito e o Outro, aponta a causa do desejo. Pela operação da separação, portanto, manifesta-se algo pelo qual compreendemos como desejo; do lado do Outro, o desejo enigmático do Outro e do lado do sujeito trata-se do desejo pelo desejo do Outro, o que nos leva ao entendimento de que o desejo aponta para a falta, não há desejo sem falta, e a falta, efeito da castração.

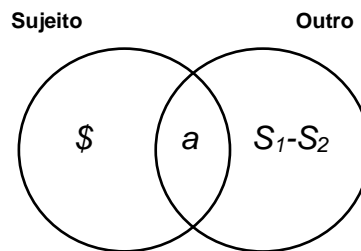
Conforme nos apresenta Lacan (1964/2008, p. 210):

Uma falta recobre a outra. Daí a dialética dos objetos do desejo, no que ela faz junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro – há muito tempo que eu lhes disse que era a mesma coisa – essa dialética passa pelo seguinte: que aí ele não é respondido diretamente. É uma falta engendrada

pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte (p. 210).

A separação é, nesse esquema, assim representada:

Figura 2 – A separação



Do processo de separação sobra um resto, objeto *a*, objeto causa de desejo, o equivalente a uma representação ao que falta no sujeito e faz falta no Outro. Por isso pensarmos que o que o sujeito deseja é o desejo do Outro. Parece ser esse o cerne em torno do qual se desenrola a tragédia amorosa do sujeito desejante: para ser amado o neurótico nega sua castração, o psicótico a põe de fora da conta e o perverso a desmente. “Vemos assim que a castração e a alienação se implicam reciprocamente, pois é a primeira que impulsiona o sujeito a ir de encontro ao Outro” (NASCIMENTO, 2010).

144

Então, o que no princípio era verbo, agora se faz carne.

O amor começa, assim, com um traço. Um traço deixado pelo Outro no campo da linguagem, que anuncia ao sujeito que para ser amado haverá de constituir-se por esse traço, de encaixar-se nesse contorno, de desenhar-se conforme esse esboço. E de traço em traço faz corpo. Corpo que se encarna como objeto de amor para o Outro. Amante, portanto, na demanda de ser amado.

O AMOR E O NARCISISMO

Todo o exposto até aqui nos leva a avançar nos objetivos desta pesquisa chegando ao ponto seguinte de que: diante da angústia do desamparo, dito de outro modo, da angústia de não ser amado, o sujeito submete-se a empreitada de sustentar-se na ilusão de ser objeto de amor ideal que suturará a falta do Outro, o

que no fundo se trata, de uma tentativa narcísica de suturar a sua própria falta. O sujeito desejante demanda ao Outro aquilo que lhe falta, e para tal vai posicionar-se ali justamente onde há reciprocidade, se faz amante para ser amado. Portanto, toda demanda é sempre uma demanda de amor.

Aqui podemos recorrer ao mito de Aristófanes, segundo o qual, os seres humanos eram seres redondos, com dois pares de pernas, de braços, orelhas, dois rostos e também duas genitais, portanto, bastante autossuficientes nessa completude. Contudo, os deuses os dividiram ao meio e foram condenados a ser metade, metade que falta, seres incompletos em busca da parte deles dividida, a parte que os restituíssem o ser originário (PEREZ, 2017).

Acerca disso nos apresenta Lacan (1964/2008, p. 201) que:

A busca do complemento, o mito de Aristófanes nos dá sua imagem de maneira patética, e enganadora, articulando que é o outro, que é sua metade sexual que o vivo procura no amor. A esta representação mítica do mistério do amor, a experiência analítica substitui a procura, pelo sujeito, não do complemento sexual, mas da parte para sempre perdida dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal.

145

O laço que chamamos amor, parece assim dizer de uma operação – que se dá por meio da relação com o outro – que almeja o restabelecimento do narcisismo original, da condição imaginária de perfeita satisfação do sujeito. Como nos diz Freud (1914/2010, p. 14-15) “[...] o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de auto conservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo”.

Na busca de sua metade perdida o sujeito faz oferta de si mesmo como a parte perdida do Outro. Nisso destacamos dois aspectos de uma relação amorosa: o amor ao outro não o é sem uma certa medida de amor-próprio e sem uma certa medida de ilusão.

Vejam os primeiros pontos. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) aponta para duas formas de amar e que implicam nas escolhas dos objetos amorosos: o amor narcísico, amor de si mesmo, no qual predomina a escolha do objeto segundo sua própria pessoa e; o amor anaclítico, amor ao outro cuidador/protetor, em que predomina a escolha de objetos que se assemelham a este. Na primeira forma de amar, a do tipo narcísico, o sujeito ama no objeto: a) o

que ele mesmo é, *b*) o que ele mesmo foi, *c*) o que ele mesmo gostaria de ser, *d*) a pessoa que foi parte dele mesmo. Na segunda forma de amar, a do tipo anaclítico ou de apoio, o sujeito ama no objeto: *a*) a mulher nutriz, *b*) o homem protetor.

Ambos os casos de escolhas amorosas, seja amando no objeto aquilo no qual o sujeito identifica algo de si ou amando o outro que lhe faz função de cuidado ou proteção, nos levam a visualizar a mesma meta: o sujeito, amante, tem sempre a ambição de ser amado; ou seja, há aí uma porção de amor-próprio.

Vejamos agora o segundo aspecto: ainda em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) refere-se ao ideal do Eu como a elaboração de uma saída diante da castração, frente ao conflito que tem de um lado a exigência de satisfação narcísica e de outro a repressão destes impulsos pela entrada na cultura:

Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 1914/2010, p. 40).

146

Aqui se faz notável a porção de ilusão com a qual o sujeito amante invoca o amor do Outro. É na ilusão de ser aquilo que a este lhe falta, dito de outra forma, é desenhando-se conforme o esboço do desejo do Outro, que se posiciona como objeto de amor ideal. O sujeito, incapaz de recusar à satisfação narcísica original, se vê sem saída, pois caso recuse reprimir seu narcisismo fica fora da cultura, fora do alcance da mira do Outro, mas se toma para si um ideal de Eu e por ele se baliza, posiciona-se no campo de visão do Outro, por assim dizer, e amplia suas possibilidades de satisfação narcísica, de suas demandas de amor. Sabemos, muito embora que, no fundo, esse ideal do Eu não passa de uma ilusão, uma invenção para – segundo a definição lacaniana do que é amar – “[...] dar o que não se tem” (LACAN, [1960-1961]/2010, p. 49).

Assim, concordamos com o que nos propõe Freud (1914/2010, p. 46), de que “alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e

apenas sendo amado pode reavê-la. Em todos esses vínculos o amor-próprio parece guardar relação com o elemento narcísico da vida amorosa”.

A vida amorosa, pois, parece-nos revelar uma articulação de ordem narcísica da qual o sujeito lança mão para suportar o tanto quanto possível do princípio de realidade, almejando ao máximo o que Freud chama de princípio do prazer.

O AMOR E A PULSÃO

A partir deste ponto do que até aqui descrevemos, consideramos o momento de acrescentar o conceito de pulsão e por ele também percorrer para os propósitos desta pesquisa acerca do amor na psicanálise.

A pulsão é proposta por Freud (1915/2017) como uma força constante; uma pressão, de fonte corporal, que tem como meta obter satisfação por meio de um objeto. E mais:

Voltamo-nos agora do lado biológico à observação a partir da vida anímica, então nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundo do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal (FREUD, 1915/2017, p. 23-25).

Conforme Freud nos apresenta, podemos elucidar a pulsão como uma pressão incessante que produz no Eu uma medida de força que o ponha arranjado com um objeto de tal forma na qual poderá servir-se dele para obter satisfação. Aprendemos com Freud (1915/2017) que esta satisfação é de ordem sexual – regida pelo princípio do prazer – diz da tentativa de recuperar a perda narcísica imposta pela castração.

Vejamos o que mais nos apresenta Freud (2015/2017, p. 49-51):

[...] amar–ser amado, corresponde à conversão de atividade em passividade e pode igualmente remontar a uma situação fundamental, como a pulsão de olhar. Tal situação seria: *amar a si mesmo*, o que para nós caracteriza o narcisismo. Conforme o objeto ou o sujeito sejam trocado por outro, manifesta-se a aspiração da meta ativa do amar ou da meta passiva de ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo. Talvez alcancemos uma compreensão mais adequada dos vários contrários do

amar se lembramos que a nossa vida anímica é regida por *três polaridades*, as oposições entre: Sujeito (Eu) – Objeto (mundo externo). Prazer – Desprazer. Ativo – Passivo.

Ousamos aqui supor uma compreensão das posições subjetivas que os indivíduos se prestam a ocupar no mundo em suas relações com seus pares, isto é, das razões pela qual se inclinam a eleger este ou aquele para ser o seu amado ou de tomar a si mesmo como objeto de amor e, ainda, porque se posicionam passivos ou ativos numa relação amorosa.

O amor advém da capacidade do Eu de satisfazer de modo autoerótico uma parte de suas moções pulsionais [...]. Ele é originalmente narcísico, e passa então para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, expressando então os esforços motores do Eu em direção a esses objetos tidos como fonte de prazer (FREUD, 1915/2017, p. 60-61).

Assim, compreendemos que a escolha dos objetos amorosos não é sem razão ou pelo mero acaso, serão elegidos os objetos que apresentem traços que se assemelhem aos traços mnêmicos marcados pelas experiências com os objetos primários de satisfação – aqueles que constituem o Outro imaginário – para os quais, por meio de uma posição passiva-ativa, o sujeito se apresenta vestido dos significantes que lhe representam para o Outro. O sujeito submete-se a posição de objeto de desejo para o Outro (atividade) para ser por ele desejado (passividade), em outras palavras, ama para ser amado; o que nos põe em condição de dizer que uma relação amorosa é, portanto, uma relação pulsional.

148

Como nos escreve Freud (2015/2017, p. 57), “[...] a palavra “amar” se desloca cada vez mais a esfera da pura relação de prazer do Eu com o objeto e se fixa, finalmente, nos objetos sexuais no sentido mais estrito e naqueles que satisfazem as necessidades das pulsões sexuais sublimadas”. O amor é, portanto, um laço inconsciente de uma satisfação pulsional com seu objeto.

O AMOR E O PERCURSO DE UMA ANÁLISE

Uma análise é ela mesma uma história de amor: uma relação do analisante para com o analista que, sustentada pela transferência, não é outra coisa senão

uma relação amorosa. É, portanto, por esta nova história de amor que se pode recordar, repetir e elaborar os capítulos mal enredados desse trágico drama do qual o sujeito padece, intitulado amor. A análise é uma história que conta a história do sujeito amante e seus amores: amores mal-amados, amores não correspondidos, amores em excesso.

Conforme encontramos em Freud, a transferência é uma reedição das expectativas amorosas não satisfeitas do analisante para com seus objetos de amor que, em análise, ele as dirige para o analista:

Aquele cuja necessidade de amor não é plenamente satisfeita pela realidade terá de se aproximar de cada nova pessoa que se avizinha com representações de expectativas libidinosas, e é muito provável que as duas porções da libido, tanto aquela capaz de chegar à consciência quanto a inconsciente, tenham participação nessa postura. Portanto, é totalmente normal e compreensível que o investimento libidinal [*Libidobesetzung*] de uma pessoa parcialmente insatisfeita, carregado de muita expectativa, também se volte para a figura do médico (FREUD, 1912/2017, p. 108-109).

Uma análise levada a termo é uma história de amor que tem fim, começa para acabar. Neste percurso o analista se sustentará não como amado ou amante, mas unicamente enquanto semblante de objeto de amor do analisante, para que este possa endereçá-lo suas demandas de amor não satisfeitas e assim, com o manejo da transferência operado pelo analista, o analisante possa percorrer todo o enredo de suas histórias amorosas, até que comece a escrever novos roteiros. É aí que o analista, um editor de textos, cumpre sua função: tornar-se dispensável.

149

E quanto ao sujeito, quem é este amante? Segundo Kuss (2010), o amante é aquele tomado por uma falta dupla: do objeto que supõe que o amado possua e do saber sobre este objeto. É, assim, aquele que padece de [...] “uma boa dose de desconhecimento a respeito de si mesmo” (KUSS, 2010, p. 41).

A mesma autora também observa que o amor que em alguns casos parece curar, em outros parece adoecer. Ousamos aqui dizer que o sujeito que insiste em não saber de si, em não saber de sua castração, padece. Padece da sacrificante ilusão de fazer completude com o Outro, padece, por assim dizer, por ludibriar-se de um de amor ideal, que não passa de imaginário. “Na tentativa de expulsar a ameaça de fragmentação do eu, muitos recorrem a teorias imaginárias, que tem como

objetivo manter a fantasia de quem se é e também manter o amor como fantasia” (KUSS, 2010, p. 43).

Exatamente porque padece é que o indivíduo desconfia haver algo de enganoso nessa história de amar e pela via dessa suspeita pode, então, recorrer a uma análise. E conforme nos coloca Jorge (2010, p. 204): “E do que a psicanálise é uma experiência do despertar, cabe logo indagar? Um despertar para o mais além do sentido narcísico e, portanto, imaginário”.

Deita-se no divã justamente para despertar. Fazer o percurso de uma análise é despertar de um sonho, com os pés descalços sobre cacos e descobrir que se pisava em superfície de vidro de onde se via, mas não tocava o chão de verdade, o chão do real.

Nascida do abandono da técnica da hipnose, a psicanálise é uma experiência que, ao contrário de hipnotizar o sujeito, visa revelar aquilo que já o hipnotiza desde sempre, desde sua própria constituição. A alienação, por ser o “fato do sujeito”, segundo Lacan, ou seja, estruturante, nem por isso deixa de ser alienação. O despertar em jogo na análise indica, por sua vez, o caminho da separação (JORGE, 2010, p. 205).

150

Em análise o sujeito cai na real, ou melhor, no real. No real de sua castração que abala e desconstrói o sentido imaginário de suas demandas narcísicas de amor. Desperta para a separação do Outro. Pela via da separação, para onde aponta o despertar de uma análise, o sujeito pode então reaver a sua falta afiançada ao Outro como garantia de amor e com ela voltar a desejar – e como Kuss nos ajuda a compreender – voltar a amar:

Daí a fundamental importância da presença do desejo no campo do amor, pois o desejo, por seu caráter errante, que desliza de objeto em objeto sem jamais encontrar satisfação, é que permite que o amor aconteça. Se fazer a relação sexual existir é impossível, isso não exime o amor do desejo de fazê-la. Por essa via, pode-se entender o amor como sendo o desejo de pular o muro que separa os amantes. Contudo, no momento em que se consegue, de fato, pular o muro, já não se pode mais desejar pulá-lo. Portanto, é a presença do muro que sustenta o desejo de pulá-lo. Dito de outro modo, o desejo sustenta o amor, à medida que mantém frescas as faltas dos amantes. [...]. Assim o amor é aquele que vem atestar a presença da castração, já que transforma gozo em desejo (KUSS, 2010, p. 47).

Portanto, o percurso de uma análise não tem outra finalidade senão levar o sujeito a fazer-se ético com o seu desejo, ir do amor ideal para o amor possível.

Chegar ao final de uma análise é chegar num ponto da história em que se descobre que prova de amor não se dá apenas com a oferta de um sintoma ao Outro, mas também com algo de mais sublime que se tem para dar: a própria falta; pois que “[...] amor é dar o que não se tem” (LACAN, [1960-1961]/2010, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionar o que é o amor é provocar as mais variadas definições: “é base de tudo”, “é o que move a vida”, “sofrimento”, “sentimento verdadeiro”, “é o que só faz doer”, “companheirismo”, “é o equilíbrio entre admiração e diferenças”, “tristeza”, “é aquilo que supera tudo”, “dom supremo”, “um elo, uma energia, algo que se sente e não se explica”². Manifestações que expressam o quanto o amor toca de particular no humano.

Com o desenvolvimento deste trabalho, podemos concluir que o amor na psicanálise é visto como aquilo que enlaça o sujeito com o outro semelhante desde a sua constituição até o desenrolar de toda sua saga enquanto um vivo.

151

É pela via do que chamamos amor que o bebê, desejado pela mãe, pode encontrar lugar para constituir-se enquanto sujeito. E é pela via da separação que o sujeito, marcado pela falta, pode desejar e amar.

Inscrito na falta e diante da angústia do desamparo, o sujeito é movido pelo seu narcisismo na tentativa de restabelecer-se da condição imaginária de completude. Para tal, ilude-se da onipotência em sustentar-se enquanto objeto de amor ideal para o Outro com a pretensão narcísica de obter satisfação. O amor é, assim, um laço inconsciente de satisfação pulsional. O que o sujeito deseja é o desejo do Outro, em outras palavras, ama para ser amado. Contudo, de demasiada ilusão se escraviza e na tentativa de aniquilar a falta aniquila junto o desejo. Adoece. Padece, pois, de amor.

Falar do percurso de uma análise é falar, seguramente, de uma história de amor que pôde ser recontada, contada de outro jeito, até que enfim, se veja recriada, descortinada de uma ilusão, cortina que outrora de ferro, agora de seda

² Frases obtidas por uma rede social da autora, de acesso público, onde a mesma lançou a pergunta: “O que é o amor para você?” em 21/06/2018.

translúcida. É falar do encontro com a castração, da reconciliação com o desejo, da possibilidade de inventar diante do real, da virada de um Eu ideal para um Eu castrado. Fazer o percurso de uma análise é ir do amor ideal ao amor possível, do nó ao laço.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência - 1912. In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 413 p. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. VI).

FREUD, S. Introdução ao narcisismo - 1914. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 309 p. (Obras completas, v. XII).

FREUD, S. As pulsões e seus destinos - 1915. In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 163 p. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. II).

FREUD, S. O mal-estar na civilização – 1930. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 495 p. (Obras completas Sigmund Freud, v. XVIII).

152

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. II. 288 p.

KUSS, A. S. S. O amor e um não-saber sobre ele. In: KUSS, A. S. S. **Amor, desejo e gozo**. São Paulo: Calligraphie, 2017. 423 p.

LACAN, J. **O Seminário, livro 8: a transferência – 1960-1961**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 487 p.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise - 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 279 p.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda – 1972-1973**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 157 p.

NASCIMENTO, M. B. Alienação, separação e a travessia da fantasia. **Opção Lacaniana online**, ano 1, n. 1, mar. 2010. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf . Acesso em: 06 out. 2018.

PEREZ, D. O. **Por que nos identificamos?** jun. 2017. Disponível em:
<http://filosofiacienciaevida.com.br/por-que-nos-identificamos/> . Acesso em: 08 set.
2018.

VILARINHO, S. **Tipos de Predicado.** Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/tipos-predicado.htm> . Acesso em: 12 out.
2018.